

# Algumas considerações sobre preconceito, moral e ética

Claudio Castelo Filho<sup>1</sup>

Resumo: O preconceito desenvolve-se a partir da impossibilidade de se tolerar e assimilar frustração e as experiências emocionais a elas associadas, ou mesmo devido à incapacidade de suportá-las. Sem contato com experiências emocionais não se faz possível desenvolver discernimento próprio e, conseqüentemente, uma ética pessoal. Na falta dessa última apela-se à moral como substituta e surge a demanda por líderes messiânicos e sistemas totalitários que dispensem o indivíduo de usar o próprio juízo, pois não consegue desenvolvê-lo. A análise poderia auxiliar no desenvolvimento, caso o próprio analista efetivamente já a tenha, da expansão da condição do analisando entrar em contato com suas experiências emocionais, tornando-as suportáveis, habilitando-o a valer-se de seus critérios pessoais de avaliação dos fatos e das ações pelas quais poderá se sentir responsável.

Palavras-Chaves: preconceito, pensar, ética, moral, experiência emocional, reverie.

Considere-se uma situação em que um paciente precisa insistir que seu analista o está tratando mal, com crueldade, a despeito de verificar nas suas próprias percepções e descrições do que estaria se passando no consultório indicarem o contrário. Poderíamos verificar que o paciente está “traquejado” em lidar com situações em que acha que está sendo atacado. Todavia, se o ambiente for amistoso, não sabe o que fazer, sente-se desorientado e sem “esquema” pronto de funcionamento. Acredita saber o que fazer com um inimigo, mas se sente completamente perdido se verificar que está sendo bem tratado. Poderíamos correlacionar esta situação às postulações de Melanie Klein<sup>2</sup> quanto a operações das posições esquizo-paranóide e depressiva. Se o paciente reconhece o analista como uma figura amistosa, não sabe o que fazer com sua violência e com seu ódio; pelo menos não encontrará uma racionalização,

---

1. Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Psicólogo pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Doutor em Psicologia Social e Livre Docente em Psicologia Clínica pela USP.

2. KLEIN, 1946.

uma justificativa para seu ódio. Terá de reconhecer-se como fonte original da violência, e não seria possível dizer, desta maneira, que é reativa. Se o analista é um vilão, sua truculência estaria “justificada”. Se não o for, o paciente terá, possivelmente, de se confrontar com sentimentos contraditórios de amor e ódio e, provavelmente, com remorso e culpa. O analista amistoso também indica um mundo que não conhece ou não reconhece. Neste novo mundo, não sabe como se portar. Poderíamos pensar em certos indivíduos que trabalham como soldados mercenários; acabada uma guerra, precisam encontrar outra. Não sabem como se orientar em um ambiente civilizado. Na guerra, estão “justificados” a agir com barbaridade.

Poderíamos pensar muita coisa na mesma linha ao considerarmos os diversos conflitos religiosos mundo afora. O fulano que não é da minha religião é um monstro, uma ameaça mortal. Posso atacá-lo com todo meu ódio porque ele é uma ameaça ao “meu” Deus. – O paradoxal é haver um Deus todo poderoso que precisa da defesa de seres humanos – Há uma clara cisão entre bons e maus. Isto organiza um funcionamento possível, organiza grupos sociais quando não é alcançável uma elaboração de natureza depressiva (o seio amado e gratificante é o mesmo que frustra e é odiado). Não podendo tolerar a ambivalência nem sentimentos de culpa e remorsos – que são humanizadores, ligados à percepção de si e do “outro” – há uma recorrente cisão. Um mundo de inimigos persecutórios externos organiza um sistema de funcionamento.

Uma outra situação poderia ser considerada. Suponha-se uma pessoa que diz submeter-se a um relacionamento familiar e matrimonial em que tudo, pelo que relata é muito desfavorável. Aparentemente, todos os relacionamentos são estereotipados e proforma. A vida de todos é muito sofrida. Todavia, não pode sair desta rotina que descreve como sendo infernal porque por pior que seja, é uma rotina, há uma organização de condutas, nos modos que se supõe que alguém em uma família, ou a própria família, deva funcionar. Estes modos são todos conforme estereótipos, são imitados e baseados em *pré-conceitos*. Esta pessoa teme mudar o curso da situação porque se apavora com a possibilidade de não encontrar um contexto externo

que lhe indique o que fazer – mesmo que seja de maneira dogmática e coercitiva. Em situações não previsíveis, sente-se extremamente desorientada. Isto aconteceria por não haver um discernimento próprio quanto ao que fazer nas situações imprevisíveis e sem referenciais conhecidos e pré-estabelecidos.

Em grupos fortemente submetidos a normas e a preceitos pré-estabelecidos, ninguém se sente realmente capaz de pensar e todos se desesperam e se acusam quando algo inusitado ou desconhecido se apresenta. As relações tendem a se restringir ao próprio grupo que, por sua vez, tende a ser bem restrito. Os movimentos possíveis tornam-se cada vez menores para se evitar o encontro com o desconhecido. O paradoxal, contudo, é que a vida, na realidade, nunca se repete. Cada momento é sempre um novo momento nunca acontecido antes e que nunca se repetirá depois. Esses grupos ou indivíduos nestas condições precisam de uma estrutura “externa”, um exoesqueleto, uma armadura, que oriente suas vidas por não sentirem que contam com uma organização interna que lhes possibilite um julgamento próprio do que ocorre em cada situação específica e única da vida. Alguém precisa lhes dizer o que se deve fazer. É necessário o surgimento de autoridades, de messias, de iluminados que “saibam” qual é a verdade a ser seguida. Um código moral precisa ser estabelecido para que a pessoa consiga uma diretriz para funcionar. Isto é diferente de uma ética pessoal que é desenvolvida a partir da elaboração da posição depressiva<sup>3</sup> em que, por exemplo, abre-se mão da rivalidade com o pai na situação edípica não por temor de uma ameaça de castração, mas pela consideração amorosa que se tem por si mesmo, pelo pai e pela mãe. Eliminar o pai para ficar com a mãe implicaria em danos para todos os envolvidos. O pai não é apenas o rival, mas também é um ser amado. Não querendo destruir a quem se ama, a despeito do desejo, pode-se abrir mão deste, por uma questão de *insight* sobre a ambivalência e com a prevalência dos impulsos amorosos sobre os de ódio e de rivalidade. A solução edípica, neste contexto, seria ética. No temor a retaliações castradoras haveria o estabelecimento de uma organização baseada na moral (pressão externa e preconceito – isto não se faz e você será castigado se o fizer! - o que é diferente de uma atitude decorrente de

---

3. Ver SEGRE, M. & COHEN, C., 1995 e também CORNFORD, F.M., 1932.

uma elaboração depressiva). Na situação ética existiria a consideração por si mesmo e pelo outro enquanto que na submissão à moral, a restrição, caso se dê, deve-se não ao respeito pelo outro, mas ao temor de retaliação. Na ética, os impulsos incestuosos e assassinos seriam esvaziados de catexia, para usar uma terminologia de Freud, e na moral, os impulsos seriam reprimidos ou cindidos e projetados, mas continuariam plenamente investidos de catexia. Com os impulsos plenos de investimento (catexizados), o controle externo se faz necessário, quer pela submissão a sistemas religiosos restritivos, quer pela submissão à neurose que encobre a psicose.

O preconceito é, antes de tudo, um sistema protetor e organizacional.

Tomemos outro exemplo. Uma jovem entra para uma ordem religiosa. Ao ser indagada, no dia em que toma os votos, se estava satisfeita, responde que sim, pois dali em diante não precisaria mais pensar – a madre superiora faria isto por ela.

Na falta de desenvolvimento da capacidade para atribuir sentidos às experiências vividas, também associada a uma impossibilidade de manter contato com as próprias experiências emocionais, o preconceito, o estabelecido, o “certo” e o “errado”, a moral vigente, permitem algum tipo de organização a uma pessoa, de maneira a que possa funcionar de alguma modo; dá um Norte ao indivíduo. Isto não implica que o Norte estabelecido tenha realmente qualquer relação com as suas necessidades e seus interesses autênticos, que só poderiam ser conhecidos se houvesse condição de contato da pessoa com ela mesma - que é exatamente o que não pode tolerar ou experimentar - por isso a necessidade e o apego ao preconceito.

Recorro à experiência clínica. Alguns clientes procuram-me com a ideia de resolver problemas específicos de suas vidas tais como crises matrimoniais, problemas no emprego, impossibilidade de estabelecer relacionamentos duradouros, crises de pânico, entre outros. O primeiro passo é ajudá-las a perceber que o problema maior e verdadeiro esteja na dificuldade que tenham para pensar os problemas da vida com que se defrontam. Dizendo de outra maneira, a maior parte das dificuldades que têm ao lidar com as adversidades que precisam enfrentar é decorrente de uma falha, ou falta de evolução, das suas capacidades para pensar. Pensar, aqui,

não é sinônimo de raciocinar; é uma condição indissociável de capacidade para tolerar frustrações e as emoções associadas às vivências destas. Pensar implica a possibilidade de se negociar com as próprias emoções na vigência delas, de maneira a permitir uma observação suficientemente realista dos fatos que estamos vivendo. Caso contrário, a intolerância às emoções, decorrentes das situações a que estamos submetidos, fará com que a tentativa de evitar o contato com elas ou de eliminá-las, leve a uma distorção, ou mesmo negação (por meio de *splittings* violentos e identificações projetivas), da percepção dos eventos que estejam ocorrendo e do equipamento mental que registra o percebido, porque tratado como o responsável pela existência da realidade repudiada. Consequentemente, a uma inadequação prática para lidarmos com eles<sup>4</sup>.

Uma pessoa terá maiores chances de ser bem sucedida nos seus projetos e na solução das dificuldades que enfrentar se tiver uma boa capacidade para pensar. Isto é indissociável de uma razoável condição para suportar situações frustrantes e de conviver com suas próprias emoções, por mais intensas e penosas que possam ser em um dado momento. O desenvolvimento desta capacidade pode evitar que entre em encrencas, pois, não distorcendo a percepção, poderá percebê-las antes que seja tarde. Muitas dificuldades também são criadas devido à própria perturbação e distorção da observação.

W.R. Bion sugeriu um modelo em que numa batalha<sup>5</sup> a vitória tenderá para o lado do comandante do batalhão que tiver maior condição de enfrentar situações adversas, mantendo desobstruída sua condição para pensar claro. Em meio a um bombardeio, somos submetidos a fortíssimas emoções, sobretudo sentimentos de ameaça e perseguição. O comandante que não tolerar o contato com as violentas emoções mobilizadas por este contexto, agirá de modo a evadir-se, sem pensar, desta situação, para safar-se do contato com os sentimentos que não suporta. Fará algo como as avestruzes de desenho animado, que enfiam a cabeça em um buraco

---

4. BION, 1967 e 1970.

5. Bion serviu muito jovem no exército britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Foi oficial de um dos primeiros batalhões de tanques que eram armas recém inventadas. Quase todos os seus companheiros foram dizimados durante o conflito e ele acreditava não ter morrido somente porque a guerra acabou a tempo de poupá-lo. Suas experiências de guerra estão relatadas em seus livros *The Long Week-End* e *War Memories*. Durante a Segunda Guerra Mundial serviu como oficial médico e nas suas tentativas para lidar com soldados que se tornaram neuróticos de guerra, desenvolveu suas primeiras teorias sobre funcionamento de grupos.

para não ver o perigo. Ou ainda poderá seguir cegamente aquilo que prescrevem os manuais de tática de guerra, que estudou sem verificar se aquilo que foi prescrito se aplica ao contexto da batalha que efetivamente se desenrola<sup>6</sup>. O comandante que puder conviver e negociar com os seus sentimentos, por mais difícil que isto que possa ser, poderá continuar observando o contexto e, eventualmente, perceber as oportunidades que surgirem e aproveitá-las. Shakespeare descreveu algo parecido na peça Henrique V<sup>7</sup>. Nela, o rei da Inglaterra liderando uma pequena tropa, cercado pelo exército francês muito maior, e numa situação muitíssimo desfavorável, pôde reverter o quadro a seu favor e derrotar os franceses<sup>8</sup>.

Neste sentido, uma psicanálise não se propõe a pensar por alguém ou a resolver os problemas apresentados, ao contrário, é um trabalho que ajuda uma pessoa a desenvolver sua capacidade para pensar ao auxiliá-la a entrar em contato consigo mesma, a conhecer quem de fato é, e, conseqüentemente, a formular e perceber quais são seus próprios pontos de vista e interesses. Isto só se torna possível por meio do desenvolvimento da capacidade de contato com a própria experiência emocional; ou seja, pensar só é possível para quem pode tolerar e elaborar as próprias experiências emocionais. Só é possível observar um fenômeno e refletir sobre sua natureza (e eventualmente o que fazer a partir de sua constatação) se houver condição de sofrer aquilo que sente. O mais corriqueiro é alguém sentir mas não sofrer o que sente. O pensar só é viável para quem pode sofrer as próprias experiências emocionais. O pensamento, tal como propõe Bion, valendo-se das concepções de Klein, surge a partir do reconhecimento de uma frustração, é, primordialmente, equivalente à possibilidade de se conceber e visualizar um seio bom que se verifica ausente. Quando não há tolerância a frustração, não existe percepção (pensamento) de algo que se verifica não presente, mas há a presença alucinada de um seio idealmente bom ou de um seio idealmente mau. Ressalto que não é a percepção odiada de um seio

---

6. Observe-se o que aconteceu com a famosa linha Maginot na fronteira da França com a Alemanha durante a II Guerra Mundial. A tática de defesa francesa foi criada tendo em vista eventos passados e não levou em conta a possibilidade deles ocorrerem de modo diverso numa guerra posterior. A linha de defesa inexpugnável foi produzida por um preconceito. As defesas originadas desta forma tendem à estereotipia e, por sua rigidez, costumam ser equivocadas quanto à eficácia.

7. SHAKESPEARE, W. Henry V. Paris, LGF – Le Livre de Poche.

8. Ver também DRUON, M., 1977.

bom ausente, mas a presença de um seio mau “concreto”. Havendo tolerância à frustração, o indivíduo se verá em condições de lidar com as dificuldades com que se defrontar e tendo uma visão mais realista dos fatos, também poderá aproveitar as oportunidades verdadeiras que a vida lhe apresentar na hora em que ocorrem.

Pensar também não tem nada a ver com aplicação de técnicas. Um dos problemas em psicanálise prática é o uso de teorias para explicar aquilo que na verdade é desconhecido e ignorado. O analista em vez de pensar (tolerando a angústia de estar diante do desconhecido) procura encaixar o que observa naquilo que leu e estudou.

As pessoas que não desenvolvem a condição para suportar frustrações e os sentimentos a elas associados, temem a intensidade de seus sentimentos, inclusive os de satisfação e contentamento, e precisam apartar-se deles (por meio de cisões, identificações projetivas, repressões, etc.). Portanto tendem a desconfiar de modo mais acentuado de seus próprios discernimentos, não só por se desincumbirem desta função que implica necessariamente contato com as próprias vivências emocionais, mas também porque verificam, tanto na prática de suas vidas como numa percepção interna, ainda que difusa, não disporem de equipamento psíquico suficientemente evoluído para dar sentido ao que vivem. Acabam necessitando de “autoridades” e buscando-as. As “autoridades” vão lhes dizer o que é o “certo” e o que é o “errado”. Os preconceitos também estabelecem metas e rotas a serem percorridas e desta forma, “organizam” a vida da pessoa. Isto não significa que, mesmo livres de preconceitos, possamos prescindir de relações e de levar em conta o ponto de vista de outrem, todavia é muito diferente de sentir que não possamos chegar a uma conclusão própria (e assumir suas consequências) e que estejamos na dependência de um “guia iluminado” que vai nos dizer o rumo a ser tomado.

Levei certo tempo para dar-me conta de que havia no relacionamento de um cliente, que muito se queixava da submissão que tinha, com seu grupo familiar, uma necessidade dele, por mais que se lamentasse da crueldade dos outros e dos prejuízos que sofria por conta disso. Verifiquei que a pessoa não sentia possuir organização e discernimento próprios. O interior de sua personalidade era como que

constituído por diversos elementos isolados (não configurando um agrupamento que desse algum tipo de unidade ou forma) ou linhas de vivências sem ligação umas com as outras da mesma maneira que certos países africanos ou do Oriente Médio são unidades apenas do ponto de vista formal, tendo sido criados pelas metrópoles europeias na época das colônias. Na realidade, são constituídos artificialmente e mantidos unidos, em geral, por ditaduras ferozes. Na ausência delas, acabam por esfacelar-se, pois suas diferentes etnias e tribos nunca se articularam de modo a compor uma verdadeira nação. O paciente não tolerando suas vivências emocionais (no contato comigo tinha horror de verificar quais os sentimentos poderia estar experimentando em relação a mim e às experiências ocorridas na própria sessão), não contava com elas para dar sentidos ao que vivia – os sentidos são dados pelas experiências emocionais, não pela razão que apenas organiza aquilo que percebemos de forma intuitiva e que obtém sentido por meio das experiências emocionais.

Muitas vezes são produzidos raciocínios que dão a impressão de que um sentido foi encontrado, mas na verdade, trata-se de um artifício que encobre a impossibilidade de se encontrá-lo de fato. O preconceito também funciona nesta linha. Não podendo dar sentido ao que vive, a pessoa precisa de “autoridades” ou de sistemas de crenças fechados para lhe dizer o que fazer ou para estabelecer alguma rotina de funcionamento. Enquanto não desenvolver a condição para lidar e negociar com as próprias emoções, o que implica poder entrar em contato consigo mesmo, e, consequentemente desenvolver sua condição para pensar (conforme o que propôs Bion<sup>9</sup> neste sentido, o que é muito diferente de raciocinar ou de ser erudito), o indivíduo não poderá abrir mão de seus preconceitos ou de submeter-se a estes sistemas fechados de crenças e convicções pois teme ficar sem rumo e completamente perdido<sup>10</sup>. Pode sentir-se como um gás que, sem uma estrutura rígida para contê-lo e para lhe

---

9. BION, 1970. Há, por exemplo, muitas pessoas que dominam a linguagem psicanalítica e que são capazes de mencionar a página e a linha em que se encontra uma determinada citação de um ou mais autores de renome. “Sabem tudo” sobre psicanálise, mas dificilmente são capazes de se submeterem eles próprios a uma análise pessoal e pode-se verificar que pouco ou nada reconhecem dos fenômenos sobre os quais tanto “entendem” quando estão diante deles.

10. Esta também seria uma função da coluna 2 da grade de Bion (BION, 1963). Em outro sentido, a coluna 2 também pode ser percebida como o uso de uma teoria científica cujos equívocos já foram percebidos mas que todavia não encontrou substituta consistente para dar conta dos fenômenos verificados.

dar forma, se expandiria e se espalharia de forma desconexa pelo infinito – ou seja, experimenta o pavor de uma desagregação psicótica.

Ao analista não cabe substituir as “autoridades” a quem o paciente recorre. Pode apontar que isto ocorre com o paciente e ajudá-lo a desenvolver recursos para acolher suas experiências emocionais - sobretudo por meio da capacidade do analista para o que Bion chamou de *reverie*<sup>11</sup>, que seria uma condição para acolher e digerir as experiências emocionais mobilizadas pelo contato com o paciente<sup>12</sup>. Podendo assimilar e digerir as experiências emocionais, teria a possibilidade de atribuir sentidos ao que esteja se passando naquele encontro entre ele e o analisando. Encontrando um sentido, o analista precisaria atribuir-lhe uma forma para que pudesse percebê-lo com clareza e dele pudesse falar. Isto aconteceria ao sonhar (acordado durante a sessão, ou dormindo à noite) a experiência e os sentidos vividos. O sonho propiciaria uma forma, uma imagem visual, uma metáfora, para aquilo que é inefável<sup>13</sup>. Se o analisando desenvolver sua condição para entrar em contato consigo mesmo e para digerir e sonhar (*reverie*) suas experiências emocionais, poderá vir a dar sentidos próprios àquilo que vive, aos fatos com que se defronta, prescindindo de autoridades e de sistemas de regras pré-estabelecidos (preconceitos)<sup>14</sup>.

Não é à toa que a psicanálise é sentida como uma grande ameaça a qualquer *establishment* e aos sistemas religiosos de pensamento. A psicanálise, quando genuína, também é uma ameaça ao próprio *establishment* psicanalítico e há um incessante esforço para banalizá-la e torná-la inócua, desde os tempos de Freud.

---

11. BION, 1962.

12. Para desenvolver essa capacidade é fundamental que o analista tenha se submetido à mais longa e profunda análise que puder ter, colocando-se diante de suas vivências mais primordiais, primitivas e intensas, de modo a ficar familiarizado com elas e poder pensar na vigências dessas situações de turbulência interna mobilizadas, de forma inexorável, sempre que entra em contato com seus analisandos. Nenhuma análise poderá ir além do ponto em que o próprio analista chegou.

13. BION, 1992.

14. Ver CASTELO FILHO, 2004.

---

## Some considerations about prejudice, morality and ethics

**ABSTRACT:** Prejudice springs from the impossibility of tolerating frustration and of assimilating emotional experiences associated to frustration or from the incapacity of bearing the intensity of the emotional experiences without a breakdown. With no contact with emotional experiences it is impossible to develop a personal wisdom and discernment. This results in a lack of personal ethics and in its place a moral system is established. Thus, a need and search for messianic and totalitarian leaders is set in order to liberate the individual from the use of his own judgment, because he can't have one. Analysis could be helpful in the development of the analysand's capacity to bear contact with his own emotional experiences, enabling him to establish his own criteria to evaluate facts and to take actions which he will accept responsibility for. This is possible if the analyst has himself gone through a very deep and long analysis that enables him to bear the emotional experiences he has in contact with the analysand.

**KEYWORDS:** Prejudice, thinking, ethics, moral, emotional experience, reverie.

## Algunas consideraciones sobre preconceito, moral y ética

**RESUMEN:** El prejuicio se desarrolla a partir de la imposibilidad de tolerar y asimilar frustración y las experiencias emocionales a ellas asociadas, o incluso debido a la incapacidad de soportarlas. Sin contacto con experiencias emocionales no se hace posible desarrollar discernimiento propio y, consecuentemente, una ética personal. En la falta de esta última se apela a la moral como sustituta y surge la demanda por líderes mesiánicos y sistemas totalitarios que dispensan al individuo de usar el propio juicio, pues no consigue desarrollarlo. El análisis podría ayudar en el desarrollo, si el propio analista efectivamente la tiene, de la expansión de la condición del analizando entrar en contacto con sus experiencias emocionales, haciéndolas soportadas, habilitándolo a valerse de sus criterios personales de evaluación de los hechos y de las acciones por las que podrá sentirse responsable.

**PALABRAS-CLAVE:** Preconceito, pensar, ética, moral, experiencia emocional, reverie.

---

## Referências

- Bion, W.R. (1967) *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_ (1977) *Seven Servants, for Works by Wilfred R. Bion: (1962) Learning from Experience; (1963) Elements of psychoanalysis; (1965) Transformations; (1970) Attention and Interpretation*. New York: Jason Aronson.
- \_\_\_\_\_ (1982) *The Long Week-End – 1897-1919. Part of a Life*. Abingdon: Fleetwood Press, 1982.
- \_\_\_\_\_ (1992) *Cogitations: Wilfred R. Bion*. London: Karnac Books.
- \_\_\_\_\_ (1997) *War Memories*. London: Karnac Books.
- Castelo Filho, C. (2004) *O Processo criativo; transformação e ruptura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- Druon, M. (1977) *Les Rois Maudits 7: Quand un roi perd la France*. Paris: LGF – Le Livre de Poche.
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. In: *Envy and gratitude and other works: 1946-1963*. London: The Hogarth Press, 1980, p. 1-24.
- Segre, M. & Cohen, C. (organizadores e autores). *Bioética* – São Paulo: Editora da USP, 1995.
- Shakespeare, W. *Henry V*. Paris, LGF – Le Livre de Poche.